



## PROPOSTA METODOLÓGICA PARA AULAS DE CAMPO EM EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E INTERDISCIPLINAR

Methodological proposal for field classes in geographical education and interdisciplinary

Propuesta metodológica para clases de campo en educación geográfica e interdisciplinar

 <https://doi.org/10.35701/rcgs.v25.970>

Márcia Evangelista Sousa<sup>1</sup>

Lucas Costa de Souza Cavalcanti<sup>2</sup>

Luciana Freitas de Oliveira França<sup>3</sup>

### Histórico do Artigo:

Recebido em 20 de agosto de 2023

Aceito em 30 de dezembro de 2023

Publicado em 29 de janeiro de 2024

### RESUMO

As aulas de campo constituem uma ferramenta didática essencial à Educação Geográfica e com grande potencial de integração interdisciplinar. Proporciona a observação e a análise do lugar vivido, estreitando o abismo entre conceitos científicos e a realidade vivida pelos estudantes. Este trabalho teve como objetivo propor uma metodologia para as práticas de campo em Geografia e no ensino interdisciplinar. Por meio de revisão bibliográfica e experiências bem-sucedidas, destacaram-se critérios essenciais para a realização de uma aula produtiva, visando suprir a carência de materiais que auxiliem os docentes no planejamento de aulas de campo. Com isso, o texto apresenta as etapas para a realização de uma aula de campo e algumas modalidades dessa prática com base na função didática que ela apresenta. Além disso, ressalta a importância dessa metodologia tanto na educação básica como no ensino superior, uma vez que torna os conteúdos geográficos mais atrativos. Faz-se

<sup>1</sup> Licenciada em Geografia e Mestra em Educação pela Universidade de Pernambuco (UPE). Professora de Geografia da Educação Básica na Secretaria de Educação do Município de Petrolina (SEDUCE).

E-mail: marah-sousa@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-9148-3981>

<sup>2</sup> Professor Doutor adjunto da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro de Ciências Humanas, Departamento de Ciências Geográficas. E-mail: lucascavalcanti3@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-9096-138X>

<sup>3</sup> Professora Doutora adjunta da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina. Departamento de Geografia. E-mail: lucianaagap@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-2057-287X>

mister destacar que o enfoque interdisciplinar para a realização de aulas de campo minimiza a dicotomia artificial do conhecimento, proporcionando uma visão do todo baseada na realidade prática.

**Palavras-chave:** Práticas pedagógicas. Aula de campo. Educação Geográfica.

#### ABSTRACT

Field lessons are a didactic tool essential to Geography Education with great potential for interdisciplinary integration. It provides an observation and analysis of the lived place, narrowing the gap between scientific concepts and the reality lived by students. This work aimed to propose a methodology for the field practices in Geography and interdisciplinary teaching. Through bibliographic review and successful experiences, essential criteria for a production realization were highlighted, aiming to supply the lack of materials to assist the documents in the planning of field lessons. With this, the text presents as stages for the realization of a field class and some modalities of the practice based on the didactic function that it presents. In addition, it emphasizes the matter of methodology in both basic education and higher one, since they make geographic content more attractive. It is necessary to emphasize that interdisciplinary approach to field lessons minimizes the artificial dichotomy of knowledge providing a vision of the whole based on practical reality.

**Keywords:** Pedagogical practices. Field class. Geography Education.

#### RESUMEN

Las clases de campo constituyen una herramienta didáctica fundamental para la Educación Geográfica y con un gran potencial de integración interdisciplinar. Proporciona observación y análisis del lugar vivido, acortando la brecha entre los conceptos científicos y la realidad vivida por los estudiantes. Este trabajo tuvo como objetivo proponer una metodología para las prácticas de campo en Geografía y la enseñanza interdisciplinaria. A través de una revisión bibliográfica y experiencias exitosas, se destacaron criterios esenciales para la realización de una clase productiva, con el objetivo de suplir la falta de materiales que ayuden a los profesores en la planificación de las clases de campo. Con esto, el texto presenta los pasos para la realización de una clase de campo y algunas modalidades de esta práctica a partir de la función didáctica que presenta. Además, destaca la importancia de esta metodología tanto en la educación básica como en la educación superior, ya que hace más atractivos los contenidos geográficos. Es necesario señalar que el enfoque interdisciplinario en la realización de las clases de campo minimiza la dicotomía artificial del conocimiento, proporcionando una visión de conjunto basada en la realidad práctica.

**Palabras clave:** Prácticas pedagógicas. Clase de campo. Educación Geográfica.

## INTRODUÇÃO

As aulas de campo têm uma contribuição significativa para a Educação Geográfica, uma vez que essa metodologia auxilia eficientemente no processo de ensino-aprendizagem. Nesse âmbito, a realização de práticas de campo apresenta-se como uma ferramenta indispensável para a aprendizagem dos conceitos geográficos, oportunizando aos estudantes a vivência dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Essa prática de ensino propicia o conhecimento dos elementos que constituem as paisagens locais, uma vez que favorece aos alunos a compreensão do lugar em que estão inseridos, possibilitando melhor compreensão dos conteúdos, além de auxiliar no desenvolvimento socioeducativo dos educandos. Dessa forma, Scortegagna & Negrão (2005) destacam que essa metodologia permite ao aluno a observação e a análise do lugar em que vive, por meio do

conhecimento adquirido em sala de aula, tornando-se um investigador. Nesse sentido, Marques, Mota e Souza (2020), ressaltam que a realização de aulas de campo em espaços não-formais, contribui para a alfabetização científica dos estudantes.

Segundo Neves (2010), essa metodologia propicia o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da pesquisa, uma vez que permite ao discente desenvolver a observação científica ao mesmo tempo em que promove o manuseio de equipamentos de investigação como mapas e bússolas. Desse modo, os trabalhos de campo permitem ao aluno o contato direto com objetos cartográficos, facilitando, ainda mais, o conhecimento e a manipulação de elementos essenciais para a localização geográfica.

As aulas de campo evidenciam o lugar em que o aluno está inserido, oportunizando-lhe conhecer os elementos constituintes do seu patrimônio. Nesse âmbito, Neves (2010) menciona que os livros didáticos apresentam realidades muito amplas, tornando os conteúdos distantes do cotidiano do aluno. Daí a utilidade de aplicar práticas que proporcionem a análise do local em que o estudante está inserido. Isso corrobora a relevância dessa metodologia, a qual pode ser trabalhada desde as séries iniciais.

Em relação à utilização de aulas de campo, Bento e Araújo (2014, p. 142) asseguram essa metodologia como “uma ferramenta essencial para o aprendizado principalmente em disciplinas como a Geografia”, enquanto Cordeiro e Oliveira (2011, p. 103) afirmam que “o aluno passa a ‘ver’ a Geografia em vez de ‘ler’ a Geografia”. Esse procedimento didático apresenta bons resultados para várias áreas do conhecimento, como ressaltam Seniciato e Cavassan (2004) que a contribuição das aulas de campo em ambientes naturais para o ensino de Ciências, justificando que essa prática propicia o surgimento de sensações e emoções, que dificilmente, ocorreria em uma aula teórica, como também a compreensão de conceitos favorecida pela abordagem menos fragmentada, uma vez que a observação dos elementos ocorrerá de forma mais abrangente.

Nesse sentido, Rocha (2011) ao analisar os trabalhos de campo em periódicos da área de ensino de ciências, destaca a importância da aula de campo no ensino de ciências e enfatiza que a mesma está intrinsecamente ligada a Geografia, uma vez que, segundo ele, lecionar os conteúdos desta disciplina sem o uso desse recurso didático deixa uma lacuna no ensino, visto que, a observação e a análise dos processos espaciais não ocorrem.

Por outro lado, é perceptível que existem algumas limitações para a realização de aulas práticas de campo e, entre os obstáculos, estão o despreparo do educador e a falta de recursos. Sendo assim, a carência do conhecimento pedagógico torna inviável a utilização dessa metodologia por desconhecer os inúmeros benefícios dessa prática. A falta de conhecimento,

muitas vezes, manifesta-se por meio da resistência não apenas do docente, mas também por parte da direção, dos pais e, até mesmo, dos alunos. Além disso, a grade curricular e o tempo disponível são dois fatores que contribuem negativamente para a pouca realização das aulas de campo, juntamente com a falta de recursos didáticos e financeiros para o custeamento de despesas (MARQUES, MOTA e SOUZA, 2020; NEVES, 2010).

Diante disso, Neves (2010) aponta outra maneira para trabalhar com aulas de campo, que é a exploração de ambientes próximos da escola. Nesse caso, as limitações seriam reduzidas, visto que as aulas ocorreriam no entorno da escola, por exemplo, na rua ou no bairro ou, até mesmo, no seu espaço interno. Isso minimizaria os obstáculos que dificultam a realização dessa atividade, pois não seria necessário despesas com transporte nem alimentação, o tempo seria compatível com o horário disponível e, ainda, proporcionaria melhor compreensão do espaço vivido.

Vale ressaltar ainda que muitos docentes não têm acesso a materiais didáticos que lhes ofereçam subsídios para a realização de aulas de campo, visto que há um déficit na produção científica de instrumentos que os auxiliem e orientem no desenvolvimento de práticas de campo. Nesse sentido, Neves (2010) aponta a carência de publicações que discutam a importância e os fundamentos da aula de campo, bem como evidenciem o potencial dessa metodologia. Diante disso, a referida autora enfatiza sua pesquisa em prol desse tema, a qual resultou na organização do livro *“Os trabalhos de campo no ensino de geografia: reflexões sobre a prática docente na educação básica”*, que visa auxiliar a prática pedagógica no ensino básico e contribuir com a elaboração de aulas de campo.

## ELEMENTOS PARA A REALIZAÇÃO DE AULAS DE CAMPO

As aulas de campo são também denominadas de práticas de campo. É possível encontrar outros termos para a designação dessa metodologia, como: trabalhos de campo, excursão geográfica, trabalho geográfico de campo, estudo do meio, prática andante de fazer geografia, atividade de campo, saídas de campo, excursão didática e turismo pedagógico (BONFIM, 2010; BUENO, 2009; COMPIANI & CARNEIRO, 1993; NEVES, 2010; ROCHA, 2011; SCORTEGAGNA & NEGRÃO, 2005). Sabe-se que essa atividade ainda é realizada de modo incipiente, mesmo tendo iniciado há três séculos, como destaca Bonfim (2010, p. 122), que

As principais evidências da realização de viagem de cunho educacional datam do século XVIII, praticadas inicialmente por jovens aristocratas ingleses aos principais centros culturais da Europa, com o objetivo de aperfeiçoar seus estudos para seguir e

consolidar uma carreira profissional. Essas viagens recebiam o nome de “viagens de estudo” e eram caracterizadas pela presença de ilustres preceptores.

Entretanto, é perceptível a pequena utilização dessa prática de ensino, principalmente na Educação Básica, seja por falta de materiais didáticos que auxiliem o docente no planejamento, seja pela diminuta motivação profissional ou, até mesmo, devido à falta de recursos financeiros que subsidiem possíveis custos. A verdade é que essa prática tão eficaz para a aprendizagem é dificilmente colocada em ação visto que a aula de campo:

Constitui um importante elemento para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, permitindo ir além da simples exposição mecânica dos conteúdos em sala de aula ao possibilitar a compreensão de uma realidade complexa a partir de um dado palpável, além de contribuir para enriquecer a disciplina de Geografia e dinamizar o trabalho do professor (CORDEIRO e OLIVEIRA, 2011, p. 99).

Entre as afirmações elencadas por alguns autores para o uso de aulas de campo, estão o distanciamento da escola da vida do aluno, uma vez que os conteúdos não são relacionados com o seu “espaço vivido”, tornando-o desinteressante (NEVES, 2010). Outro fator relevante é o avanço das tecnologias, pois os novos aparatos que atraem a atenção de crianças, jovens e adultos transformaram-se em um grande concorrente para o educador, visto que dificultam o despertar da atenção do estudante para a aprendizagem (BENTO e ARAÚJO, 2014). Desse modo, a utilização de novas metodologias é imprescindível para atrair a classe de alunos e promover a aprendizagem.

Para a disciplina de Geografia, Cordeiro e Oliveira (2011) apontam, entre outras utilidades da aula de campo, a contribuição para minimizar a fragmentação do saber, a exemplo da dicotomização entre a Geografia física e a humana, uma vez que a observação do lugar ocorrerá de maneira mais abrangente, propiciando um conhecimento do todo. Desse modo, os referidos autores citam a aula de campo em Geografia como uma sugestão metodológica que proporciona a vivência da teoria e, conseqüentemente, maior noção do espaço geográfico, além de reduzir a monotonia das aulas e despertar maior interesse pelos conteúdos espaciais.

Jesus e Santos (2019), também enfatizam a importância dessa prática no ensino de geografia, pois segundo eles,

Pensar no ensino de geografia desvinculado das novas tendências atuais e não levando em consideração as relações do cotidiano dos alunos, que vai do micro para o macro, é um posicionamento errôneo, já que a construção do conhecimento deve ter um caráter dinâmico e multiescalar, sendo papel do professor oportunizar aos seus educandos meios para que eles enxerguem e entenda como se dá a organização do espaço geográfico (JESUS e SANTOS, 2019, p. 189).

A realização de aulas de campo, de acordo com Neves (2010), poderá ocorrer em três momentos didáticos, ou seja, no início, no meio ou no final de uma unidade temática. Desse

modo, no primeiro momento, o trabalho de campo objetiva promover o surgimento de indagações que possibilitem a investigação do tema a ser estudado, visto que essas indagações serão exploradas em sala de aula. Já a realização dessa prática no segundo momento didático, visa ao confronto da realidade com o conhecimento prévio do aluno. Para isso, o tema em questão precisa ser trabalhado em sala de aula para possibilitar a criação de hipóteses pelos estudantes. E a implementação da aula de campo, no terceiro momento, almeja finalizar o estudo de um determinado conteúdo, ou seja, objetiva-se verificar, na prática, os elementos que foram estudados.

Sobre a relevância das aulas de campo, Bonfim (2010, p. 124) enfatiza que elas “contemplam os quatro pilares da educação contemporânea: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser”, visto que, durante a realização dessas, os educandos desenvolvem habilidades que propiciam o conhecimento mediante a descoberta dos novos saberes, os quais possibilitam a investigação e o levantamento de hipóteses. Também permite conhecer novos valores e respeitar o diferente, por meio da interação, já que ele sai do seu “mundo” para relacionar-se com outro.

A referida autora, que defende a educação pelo lazer e para o lazer, argumenta sobre a aplicação dessa prática, enfatizando a sua importância, uma vez que “entendendo o lazer como uma necessidade humana, torna-se pertinente justificar a inclusão de práticas educativas, que contemplem ao mesmo tempo educação e lazer na escola formal, através do turismo pedagógico” (BONFIM, 2010, p. 121). Desse modo, vê-se a utilização da aula de campo com outra vertente, uma vez que, a educação está vinculada ao lazer, ou seja, o desenvolvimento da aprendizagem ocorrerá mediante a articulação entre a educação e o lazer.

Nesse sentido, Bonfim (2010) aborda o turismo pedagógico como uma interação entre educação e lazer, ao mesmo tempo em que permite o contato do sujeito com o meio. Essa relação proporcionará a vivência dos conteúdos pelos estudantes, o que contribui imprescindivelmente para a aprendizagem dos discentes. Em relação ao lazer, a autora justifica sua relevância em decorrência da necessidade de a escola desenvolver novas metodologias que atendam às expectativas do aluno de maneira dinâmica. No entanto, a referida autora destaca a importância do bom planejamento para a realização de aulas de campo, afim de que essa atividade não seja confundida com uma excursão.

## ETAPAS DA AULA DE CAMPO

Para a realização de aulas de campo, é necessário seguir alguns procedimentos, e entres esses, algumas etapas. Nesse âmbito, Neves (2010) apresenta três etapas (Quadro 1), que devem ser seguidas para a realização de uma aula de campo satisfatória, as quais deverão ser cumpridas independentemente do nível educacional. Portanto, para uma boa execução dessa atividade, é essencial a adoção de três etapas fundamentais: o pré-campo, o campo e o pós-campo (JESUS e SANTOS, 2019). Outros autores, corroboram também com a efetivação das práticas de campo realizadas em três momentos, alterando apenas a nomenclatura dos termos (BUENO, 2009; CORRÊA FILHO, 2015; FEHLBERG, 2022).

**Quadro 1:** Etapas da aula de campo.

		<b>PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO</b>		
<b>1ª</b> <b>E</b> <b>T</b> <b>A</b> <b>P</b> <b>A</b>	PREPARAÇÃO TÉCNICA	EXCURSÃO PRÉVIA DO PROFESSOR		
		PREPARO METODOLÓGICO DA CLASSE		
		PREPARO PSICOLÓGICO DOS ESTUDANTES		
	ELABORAÇÃO DO PROGRAMA DE TRABALHO	DEFINIÇÃO DE OBJETIVOS		
		SELEÇÃO DOS LUGARES E TEMPO DE PERMANÊNCIA		
		ESCOLHA DO MEIO DE TRANSPORTE		
		PROVIDÊNCIAS ADMINISTRATIVAS		
	SELEÇÃO E PREPARAÇÃO DO MATERIAL DE CAMPO	EQUIPAMENTO TÉCNICO-INDIVIDUAL		
		MATERIAL INSTRUMENTAL		
			<b>REALIZAÇÃO</b>	
<b>2ª</b> <b>E</b> <b>T</b> <b>A</b> <b>P</b> <b>A</b>	OBSERVAÇÃO	RECONHECIMENTO INICIAL ATRAVÉS DA DESCRIÇÃO		
		ANÁLISE DA ORGANIZAÇÃO ESPACIAL		
		INÍCIO DO TRAJETO		
	REGISTRO	ANOTAÇÕES		
		UTILIZAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS TÉCNICOS		
	INQUÉRITO GEOGRÁFICO E ENTREVISTAS	APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS		
		ENTREVISTAS E CONVERSAS COM HABITANTES DO LOCAL		
	COLEÇÃO E PREPARAÇÃO DE AMOSTRAS	COLETA DE AMOSTRAS		
		IDENTIFICAÇÃO DOS ESPÉCIMES		
	TERMINAÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO	SEPARAÇÃO DAS AMOSTRAS		
REVISÃO DE ANOTAÇÕES E FOTOGRAFIAS				

		ANÁLISE DO MATERIAL COLETADO
E T A P A	3ª	RELATO DE CAMPO
		RELATÓRIO
		EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA
		SEMINÁRIOS
	EXPOSIÇÃO DOS CONHECIMENTOS DESENVOLVIDOS DURANTE O TRABALHO DE CAMPO	DESENHOS DA PAISAGEM

Fonte: Neves (2010). Adaptada pelos autores.

Assim, a primeira etapa, Neves (2010) classificou como *Planejamento e organização*, a qual antecede a saída de campo. Nessa etapa, o professor irá realizar alguns procedimentos como a preparação técnica, iniciando com o conhecimento do local escolhido para a realização da aula de campo. Para Corrêa Filho (2015, p. 35), “a ida antecipada do professor ao local da aula de campo é primordial, pois, além de ajudar a planejar o roteiro, facilitará aos organizadores da aula estabelecerem as condutas a serem seguidas pelo grupo [...] evitando possíveis surpresas”. Esse conhecimento da área é denominado por Neves (2010) de excursão prévia, e auxiliará o docente não só na prevenção de possíveis imprevistos durante a prática de campo, como também na escolha dos locais que devem ser mais explorados, no tempo de permanência em cada um deles e os que devem ser evitados.

Essa iniciativa proporciona ao professor a elaboração do programa de trabalho, que definirá as atividades que serão realizadas no campo, a forma de avaliação, a estruturação dos objetivos e a seleção dos instrumentos que serão utilizados em campo, como mapas, GPS (Sistema de posicionamento global), câmaras fotográficas entre outros. Além disso, permite conhecer quais medidas serão necessárias para a visita dos estudantes e de quais órgãos deverá solicitar autorizações, e identificar qual o meio de transporte mais viável e os possíveis custos para a realização da viagem (CORRÊA FILHO, 2015; NEVES, 2010).

Além disso, o conhecimento prévio permite ao educador preparar a classe para a realização da viagem de campo, principalmente, no caso de discentes da educação básica, que devido essa prática ser realizada em raríssimas ocasiões, gerará bastante ansiedade nos alunos (NEVES, 2010). Daí a importância de o professor preparar, psicologicamente, os estudantes para que a aula de campo seja significativa e os imprevistos sejam minimizados. Contudo, a conclusão dessa etapa possibilita ao docente a realização da prática de campo de modo organizado, propiciando melhores resultados.

Conforme Neves (2010), a segunda etapa é a *Realização* da aula de campo, isto é, o momento em que se vai a campo com o programa de trabalho em mãos. Dessa forma, o docente munido de seu planejamento passa a executá-lo juntamente com a classe. Assim, a primeira atitude a ser desenvolvida deverá ser a observação, ou seja, fazer o reconhecimento inicial e, logo em seguida, descrevê-lo. A partir disso, verificar a organização do espaço, instigando os estudantes sobre as transformações ocorridas no local e, em seguida, dar início ao trajeto a ser percorrido.

Dessa forma, os alunos deverão atentar-se às mudanças na paisagem, registrando-as em suas fichas, cadernetas e por meio de fotografias. Nesse âmbito, a referida autora enfatiza que no decorrer do percurso, é essencial a observação de mapas e cartas para a comparação do que, realmente, existe no campo, sendo de grande relevância a marcação de pontos com dispositivo de localização (GPS), para uma possível sobreposição desses pontos em imagens de satélites.

De acordo com Neves (2010), é importante fazer uso de vários recursos para a obtenção de informações, a exemplo do inquérito geográfico e entrevistas com a aplicação de questionários e conversas com os moradores do local, propiciando maior conhecimento do lugar. O planejamento pode, ainda, contemplar a coleta de amostras, nas quais os alunos poderão trazer do campo materiais como amostras de solos, de minerais, de espécies vegetais, etc. para uma observação mais aprimorada. Após o término do trabalho de campo, deverá ser organizado o material que foi obtido no campo, separando as amostras e revisando as anotações e fotografias para análise detalhada e levantamento das conclusões.

A terceira e última etapa de uma aula de campo é denominada por Neves (2010) de *Relato de Campo*. É nessa etapa que o estudante demonstrará os conhecimentos obtidos durante a prática de campo por meio da elaboração de um relatório, sobre o qual irá explicar as experiências vivenciadas em campo e os saberes adquiridos. Por outro lado, a autora enfatiza que tal etapa não se resume apenas a elaboração de relatórios. Diante disso, cabe ao docente selecionar qual avaliação deverá ser feita, visto que há uma variedade de atividades que poderão ser solicitadas, a exemplo de exposição fotográfica, desenhos da paisagem, confecção de croquis do percurso, seminários, entre outros, que deverão ser expostos em sala de aula. Nesse sentido, Corrêa Filho (2015), salienta a importância da socialização e verificação da aprendizagem nessa etapa, pois segundo ele, esse momento contribuirá também, para o conhecimento dos assuntos abordados em campo aos alunos que não participaram da aula prática.

No entanto, o professor deverá deixar claro em seu planejamento quais avaliações irá solicitar, da mesma forma que precisa esclarecer para a turma como eles serão avaliados e as tarefas que precisarão realizar. Nesse âmbito, Neves (2010) ressalta que

Todas as instruções para a realização do trabalho de campo devem ser apresentadas e discutidas em sala de aula. Modelos devem ser oferecidos e as dúvidas esclarecidas. Realizar esse tipo de instrução no campo pode desviar a atenção das atividades a serem realizadas e suscitar dúvidas desnecessárias que podem comprometer o bom desenvolvimento do trabalho e a qualidade das informações coletadas [...] (NEVES, 2010, p. 38-39).

Diante do exposto, percebe-se a grande relevância da definição e do esclarecimento das atividades pós-campo em sala de aula, visto que elas oportunizam aos alunos melhor compreensão do que será necessário observar em campo. Assim, a elaboração do planejamento deverá englobar todas as fases da aula de campo, pois essa medida, contribuirá significativamente para a obtenção de resultados exitosos.

Nesse contexto, Bueno (2009) apresenta a importância do planejamento para a realização de estudo do meio de forma significativa, sendo necessária a efetivação de algumas etapas. A primeira etapa mencionada pela autora é a preparação, que é o momento em que o professor irá familiarizar a classe sobre o conteúdo a ser abordado em campo; enquanto a segunda é a realização do trabalho, que é marcada com a ida dos alunos ao campo; nessa etapa, ocorrem a observação, investigação e reflexão sobre os elementos da paisagem, enquanto a última etapa é concretizada com a exploração do trabalho em sala de aula, ou seja, após o retorno dos estudantes à sala, ocorrerá a síntese do que foi verificado em campo, possibilitando aos educandos a troca de conhecimentos adquiridos e o esclarecimento de possíveis dúvidas.

Em relação às estratégias aplicadas para a realização de aulas campo, Bento e Araújo (2014) destacam que a maioria dos autores apresentam três etapas para concluir esse procedimento, que são: a preparação, a execução e a aplicação/avaliação. Nesse caso, subentende-se que, inicialmente, o docente deverá preparar, ou seja, elaborar o que irá desenvolver no campo para que, após isso, ocorra a execução da aula e, por último, realize a avaliação dos discentes.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se deu por meio de revisão bibliográfica e análise de experiências bem-sucedidas através da aplicação da aula de campo, visando proporcionar uma metodologia aplicável tanto para a Educação Geográfica quanto interdisciplinar.

Inicialmente, ocorreu o levantamento das finalidades e etapas da aula de campo, onde foram averiguados diversos propósitos de aplicação dessa metodologia, bem como os elementos essenciais para sua realização. Para isso, utilizou-se principalmente a proposta de Neves (2010).

A classificação de Compiani & Carneiro (1993) e de Scortegagna e Negrão (2005), também foi adotada para elencar os tipos aulas de campo com base no papel didático que elas apresentam. Buscou-se também destacar o uso dessa metodologia associada à interdisciplinaridade, no sentido de chegar a uma síntese de aplicações e procedimentos da aula de campo.

Em relação a aplicação dessa prática por alguns professores, buscou-se experiências anteriores a fim de reforçar o entendimento dos limites das práticas de campo. Para isso, averiguou-se os trabalhos de Seniciato & Cavassan (2004) e Sousa (2015), nos quais os autores expõem o êxito obtido por meio da realização de aulas de campo com estudantes do ensino fundamental. Essas experiências serviram de apoio para constatar a relevância dessa metodologia para a compreensão de conteúdos explorados em sala de aula e proporcionar o conhecimento dos elementos que constituem o patrimônio local.

## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O uso dessa metodologia com alunos da educação básica torna os conteúdos geográficos mais atrativos, uma vez que as aulas não se restringirão apenas a sala de aula. Assim, a utilização dessa prática de ensino pode ser instituída desde as séries iniciais; no entanto, requer do educador a elaboração de um planejamento condizente com a disciplina e a faixa etária dos estudantes. Pois, segundo Neves (2010, p. 21), “desde a educação infantil, esta metodologia deve ser aplicada de forma intencional, dirigida, demandando, portanto, o planejamento prévio das atividades por parte do docente responsável”.

Essa metodologia de ensino exige que o docente faça uso de alguns instrumentos de campo, propiciando aos alunos o manuseio desses. Dessa forma, poderão ser utilizados mapas, bússolas, trenas, altímetros, os quais possibilitam ao discente verificar, na prática, o relevo e a vegetação existente, assim como medir o porte da vegetação, verificar a direção de pontos geográficos, aferir a altitude de feições geomorfológicas entre outros. O manuseio de recursos cartográficos facilitará o desenvolvimento da linguagem cartográfica, auxiliando o aluno na compreensão espacial.

Sabe-se que, na educação básica, as atividades pedagógicas devem atender à necessidade de cada classe escolar. Sendo assim, a realização de práticas de campo deverá ocorrer de acordo com os objetivos a serem alcançados. Logo, o planejamento das aulas de campo deverá ser conforme as especificidades de cada turma, ou seja, o planejamento para a turma A por mais excelente que seja, pode não atender às expectativas da turma B.

A utilização de aulas de campo permite ao docente utilizar várias atividades pedagógicas para avaliar os educandos, podendo variar entre as atividades pré-campo, durante o campo e pós-campo. Nesse sentido, o educador poderá solicitar pesquisas sobre o local a ser visitado, como, por exemplo, o levantamento de imagens e a análise de mapas. Enquanto estiver no campo, poderá dividir a classe em equipes e delegar atividades a cada uma delas, como: fotografar a paisagem, coletar amostras, gravar vídeos e fazer anotações. Por outro lado, essas tarefas precisam ser explicadas em sala, para que todos compreendam, pois, segundo Neves (2010), as dúvidas surgidas no campo poderão afetar o desenvolvimento da aula, comprometendo a obtenção das informações necessárias.

Entre as sugestões avaliativas após a realização do campo, tem-se várias possibilidades a exemplo de seminários, exposições fotográficas e de vídeos, croquis, mapas do percurso, confecção de maquetes, apresentações de desenhos ou pinturas, relatórios entre outros.

Outra possibilidade para avaliar o conhecimento adquirido com a realização da prática de campo é a aplicação de questionários. Esses poderão ser realizados antes para averiguar a compreensão dos alunos em relação aos conteúdos que serão abordados em campo e, depois, para comparar as respostas e, conseqüentemente, o que mudou após a aula de campo. Nesse sentido, Seniciato & Cavassan (2004), que defendem o uso de ambientes naturais para a realização de aulas de campo, apresentam o resultado de uma pesquisa desenvolvida com alunos da 6ª série do ensino fundamental em uma escola pública do estado de São Paulo, onde foram aplicados questionários antes e depois do campo. Segundo os autores, as respostas do questionário aplicado após a ida ao campo demonstraram, consideravelmente, a contribuição da prática de campo para a aquisição dos conhecimentos científicos.

Outro item indispensável para a aula prática é a ficha de campo, visto que essa permite ao professor confeccioná-la conforme o nível de instrução da classe e de acordo com os conteúdos trabalhados. Nesse sentido, o educador poderá elaborar a ficha em consonância com os objetivos da aula, visando à obtenção das habilidades que ele almeja serem desenvolvidas pelos alunos.

A aula de campo também promoverá o conhecimento do mundo em que o educando está inserido, pois, de acordo com Neves (2010, p. 51), “os trabalhos voltados ao ensino básico devem priorizar o espaço geográfico local e/ou regional, *locus* da vida do estudante, pois é no espaço local que ele vive, se movimenta e desenvolve suas atividades cotidianas”. Isso corrobora, mais uma vez, a relevância dessa metodologia, visto que ela auxilia na compreensão dos elementos que constituem o patrimônio local.

Por outro lado, Sousa (2015) apresenta os resultados proveitosos de uma aula de campo realizada com estudantes do 9º ano de uma escola do sertão baiano, na qual os discentes demonstraram desconhecer os elementos que contribuíram com a sua formação cultural, mostrando que o conhecimento local ainda se faz bastante incipiente por parte de iniciativas escolares. A partir disso, foi apresentado aos discentes os elementos que constituem o patrimônio local e a sua importância, já que esses foram essenciais para a formação da localidade.

Nesse âmbito, a aula de campo mostra-se como uma alternativa eficiente na promoção do conhecimento do local vivido pelos estudantes, contribuindo tanto para a realização de uma aprendizagem significativa, como para propiciar o entendimento do espaço no qual o aluno está inserido.

É notável os benefícios proporcionados pela realização das aulas de campo, por outro lado, é perceptível os entraves que dificultam a realização dessa prática, a exemplo do período da pandemia do covid-19, uma vez que, durante essa fase, as aulas foram realizadas em ambientes virtuais, impossibilitando o ensino presencial. Todavia, Fehlberg (2022) aponta uma alternativa para a vivência dessa prática de ensino, por meio da elaboração de aulas de campo virtuais.

Nesse âmbito, a referida autora apresenta uma experiência da realização de uma aula de campo em ambiente virtual, por meio do aplicativo *Street View*, na qual, ela usa uma lagoa da cidade, localizada no Município de Serra-ES, para mostrar o local para os alunos e abordar vários conteúdos trabalhados. Fehlberg (2022), ressaltou que o desenvolvimento dessa aula ocorreu em três momentos: o pré-campo, o campo e o pós-campo, contribuindo para a obtenção de bons resultados.

Além dos incontáveis fatores positivos proporcionados pela realização de aulas práticas, o docente pode, ainda, tornar esse recurso didático mais produtivo, por meio de um planejamento interdisciplinar, podendo contemplar outras áreas do conhecimento, visto que a Geografia por si só possui uma dimensão interdisciplinar, propagando-se no campo das Ciências Humanas e das Naturais. Nesse âmbito, o planejamento deverá ser elaborado em conjunto com

professores de outras disciplinas, uma vez que se busca contemplar diferentes áreas do conhecimento.

[...] o enfoque interdisciplinar aproxima o sujeito de sua realidade mais ampla, auxilia os aprendizes na compreensão das complexas redes conceituais, possibilita maior significado e sentido aos conteúdos da aprendizagem, permitindo uma formação mais consistente e responsável (THIESEN, 2008, p. 551).

Isso proporcionará ao aluno um conhecimento mais abrangente dos elementos da paisagem, visto que as informações serão apresentadas de forma ampla, propiciando uma visão de mundo bastante abrangente. Desse modo, além dos conteúdos geográficos, podem-se abordar assuntos de História, Física, Artes, Ciências e Biologia, etc., o que vai permitir ou delimitar quantas disciplinas poderão ser trabalhadas; será a riqueza de elementos presentes na paisagem. Sendo assim, Thiesen (2008, p. 552) ressalta que,

[...] quanto mais interdisciplinar for o trabalho docente, quanto maiores forem as relações conceituais estabelecidas entre as diferentes ciências, quanto mais problematizantes, estimuladores, desafiantes e dialéticos forem os métodos de ensino, maior será a possibilidade de apreensão do mundo pelos sujeitos que aprendem.

Diante disso, percebe-se que a perspectiva interdisciplinar auxilia consideravelmente no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que ela proporcionará o conhecimento de forma globalizante, minimizando a dicotomização do conhecimento mediante interação do saber. Essa medida aproxima mais o aluno da sua realidade, uma vez que lhe proporciona o conhecimento do todo, condizendo com a realização da educação geográfica.

No ensino superior, a aula de campo possibilita a exploração de paisagens das mais variadas espécies como também permitem maior autonomia ao estudante para a realização de pesquisas, principalmente para os cursos de Ciências Naturais e da Terra. Nesse sentido, cursos como Geografia, Geologia e Ciências Biológicas podem analisar, de forma mais aprofundada, os elementos constituintes das paisagens tanto os fatores bióticos, quanto os abióticos.

Nessa perspectiva, Compiani (1991, p.14) ao abordar a importância didática das atividades de campo no ensino de Geologia na formação de professores de ciências, enfatiza que “o campo pode ser um fio condutor para uma disciplina, que propicie, a partir de uma área de estudo, o entendimento dos principais processos e conceitos desta [...]”. O referido autor ainda ressalta o potencial problematizador que o campo oferece, atuando como um fator integrador da Geologia e outras ciências que propiciam maior compreensão da natureza, como é o caso da Geografia.

Assim, as aulas dos cursos superiores também poderão ocorrer de forma interdisciplinar, por meio de um planejamento desenvolvido em conjunto com professores de outras áreas, envolvendo a interação de várias disciplinas. Dessa forma, além de enriquecer, a aula proporciona um conhecimento do todo, ao invés de contemplar apenas uma área do saber. Com isso, o conhecimento será construído mediante uma visão ampla, já que a obtenção do entendimento dar-se-á de forma global. Nesse sentido, Thiesen (2008, p. 550-551) ressalta que,

Um processo educativo desenvolvido na perspectiva interdisciplinar possibilita o aprofundamento da compreensão da relação entre teoria e prática, contribui para uma formação mais crítica, criativa e responsável e coloca a escola e educadores diante de novos desafios tanto no plano ontológico quanto no plano epistemológico.

O uso das paisagens, nas aulas de campo, propicia um conhecimento mais abrangente, uma vez que o discente conhecerá diversos fatores. Nesse âmbito, Neves (2010, p. 59-60) chama atenção ao frisar que “ao vivenciar o espaço de seu cotidiano e perceber as diversas paisagens o estudante passa a estabelecer relações de afetividade, pertencimento e identidade com as porções do espaço com as quais tem contato”. Ou seja, a exploração das paisagens para as aulas de campo possibilita aos estudantes perceberem o espaço em que estão inseridos, como também a identificar situações adversas ao seu meio.

Sendo assim, essa proposta metodológica também evidencia a conservação do patrimônio natural por meio da exploração das paisagens, pois permite que o aluno conheça tanto os elementos que a constituem, como avaliar o uso e ocupação do solo, permitindo identificar quais atividades desencadeiam maior degradação ao solo, como também quais medidas poderiam minimizar essa situação.

Desse modo, o aproveitamento das paisagens para a realização de aulas de campo no ensino superior poderá ocorrer de várias formas, levando em consideração os objetivos que se almeja alcançar. Diante disso, Compiani & Carneiro (1993) apresentam o papel didático das aulas de campo realizadas no ensino de Geologia (nomeada pelos autores de excursões geológicas), mas que podem ser utilizadas nos diversos níveis de ensino. Dessa forma, esses autores classificam as excursões geológicas conforme a sua função didática em: Ilustrativa, Indutiva, Motivadora, Treinadora e Investigativa. Entretanto, essa classificação também poderá ser utilizada para trabalhos de campo em outras disciplinas.

Assim, as excursões Ilustrativas têm a finalidade de ilustrar o que foi explanado em sala de aula, ou seja, ressaltar os conceitos abordados. Ela é bastante tradicional, pois o ensino é centrado no professor. Já a atividade de campo indutiva busca instigar a observação e a

interpretação dos discentes para a resolução de problemas verificados. Entretanto, a atividade motivadora almeja aguçar o interesse do aluno perante o objeto de estudo. Por outro lado, o papel didático da excursão treinadora é treinar o discente, promovendo o manuseio de equipamentos e aparatos científicos, ou seja, desenvolver habilidades e técnicas; enquanto a atividade investigativa tem a função de propiciar a investigação, exigindo dos estudantes a elaboração de meios que favoreçam de forma significativa a investigação (COMPIANI & CARNEIRO, 1993).

Nesse sentido, Scortegagna e Negrão (2005), que também apontam a classificação citada, propõem uma nova forma para realizar aulas de campo, que é por meio da saída de campo autônoma. Essa proposta visa desenvolver a investigação, preparando o estudante para sua atuação profissional. Sendo assim, essa alternativa objetiva maior participação do aluno na construção do conhecimento, visto que ele vai a campo juntamente com sua equipe e realiza a coleta de dados com amostras, anotações e registros fotográficos, que serão levados para a discussão em sala de aula, podendo ou não necessitar da orientação do professor. Diante disso, percebe-se que essa atividade proporciona ao estudante maior contato com o objeto de estudo, possibilitando maior aplicação da teoria vista em sala.

A classificação dos papéis didáticos das aulas de campo citada por Scortegagna e Negrão (2005) deu-se com a utilização dos parâmetros mencionados abaixo:

*Objetivos pretendidos:* são os objetivos que se espera que os alunos realizem durante o campo, como, por exemplo, aplicar o conhecimento teórico para identificar os problemas existentes e levantar possíveis soluções, representar os elementos observados e desenvolver habilidades. Com isso, os referidos autores enfatizam a relevância desses objetivos nas mais diversas aulas de campo, tendo em vista quatro níveis de influência: ausente, fraca, forte e muito forte, como mostra a Figura 1.

**Figura 1:** Objetivos das aulas de campo e sua influência.

OBJETIVOS DAS ATIVIDADES		INFLUÊNCIA DOS OBJETIVOS	
Aproveitar os conhecimentos geológicos prévios	Reconhecer feições e fenômenos da natureza		Ausente
Elaborar dúvidas e questões	Desenvolver e exercitar habilidades		Fraca
Estruturar hipóteses/sínteses e criar conhecimento	Desenvolver atitudes e valores		Forte
			Muito Forte

Fonte: Scortegagna & Negrão (2005, p. 39), adaptadas de Compiani & Carneiro (1993).

*Visão de ensino:* Subdivide-se em duas, podendo ser formativa ou informativa. Sendo assim, no primeiro caso, a perspectiva educacional visa à participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, enquanto no segundo, a visão de ensino é bastante tradicional e está voltada para a obtenção da informação, por meio da memorização e não da formação autônoma do estudante.

*Emprego e/ou questionamento de modelos científicos:* Nesse caso, verifica-se a importância dos modelos científicos existentes utilizados em trabalhos de campo, optando-se pela sua aceitação ou não.

*Método de ensino e relação docente-aluno:* Nesse item, analisa-se o método de ensino e a relação docente-aluno conforme a particularidade de cada aula de campo. Assim, o processo de ensino pode ser classificado em dirigidos, semidirigidos e não dirigidos (BRUSI, 1992 *apud*. COMPIANI & CARNEIRO, 1993).

Desse modo, uma aula de campo dirigida tem como personagem principal o professor, visto que a aula é centrada no seu papel. Por outro lado, no uso do método não dirigido, a relação é centrada no estudante, visto que ele é instigado a desenvolver sua autonomia, enquanto, no uso de aulas semidirigidas, a relação professor-aluno é marcada pelo equilíbrio de ambas as partes.

*Lógica predominante no processo de aprendizagem:* Durante a excursão, pode-se utilizar a lógica da ciência ou a lógica do aprendiz. Na primeira, sua ocorrência é dada nas aulas

de campo que visam à priorização dos aspectos teóricos, buscando a ilustração de conceitos trabalhados, ou no caso de treinar os estudantes para a aplicação de algumas técnicas. Enquanto na segunda lógica, tem-se como base a conduta do estudante perante novas situações, podendo ele desenvolver meios próprios que visem à observação e análise dos fatos. A Figura 2 sumariza as diferentes categorias de aula de campo e suas características.

Nesse âmbito, Sousa (2017), por meio do levantamento do potencial pedagógico das paisagens naturais de Petrolina, enfatiza o uso da aula de campo com base nos papéis didáticos da proposta de Compiani & Carneiro (1993) e de Scortegagna & Negrão (2005). Com isso, a referida autora destaca o uso de aulas ilustrativas e motivadora em todas as paisagens avaliadas no município, principalmente para a educação básica, pois é possível não só a ilustração dos conceitos geográficos, como também motivar os alunos em relação à disciplina. Nessas paisagens, também pode-se fazer uso das aulas treinadora, investigativa e indutiva, uma vez que é possível treinar os discentes com alguns instrumentos como o GPS ou investigar os impactos ocasionados à paisagem, como também instigá-los a encontrarem possíveis soluções para os problemas encontrados. Além disso, a realização da saída de campo autônoma propiciará ao aluno maior contato com essas paisagens, por conseguinte, observações mais criteriosas serão desenvolvidas.

**Figura 2:** Categorias das aulas de campo e suas características.

CATEGORIA PAPEL	OBJETIVO DAS ATIVIDADES	VISÃO DE ENSINO	MODELOS CIENTÍFICOS EXISTENTES	RELAÇÃO DE ENSINO/APRENDIZAGEM	LÓGICA PREDOMINANTE
Ilustrativa		Informativa	São aceitos e preservados	Professor é o centro Ensino dirigido	Da ciência
Indutiva		Formativa/ Informativa	São aceitos e preservados	Aluno é o centro Ensino dirigido/ semi-dirigido	Da ciência e do aprendiz
Motivadora		Formativa	São aceitos e preservados, em grau variável	Aluno é o centro Ensino não-dirigido	Do aprendiz
Treinadora		Formativa/ Informativa	São aceitos e preservados	Equilíbrio Ensino semi-dirigido	Da ciência e às vezes do aprendiz
Investigativa		Formativa	São aceitos, mas questionados	Aluno é o centro Ensino não-dirigido	Da ciência e do aprendiz
Autônoma		Formativa	São aceitos, mas questionados	Aluno é o centro Ensino não-dirigido	Da ciência e do aprendiz

Fonte: Scortegagna & Negrão (2005, p. 39), adaptadas de Compiani & Carneiro (1993).

Faz-se mister destacar que a utilização das paisagens para a realização de aulas de campo é um recurso de relevante importância. Nesse sentido, Sousa; Barros e Cavalcanti (2016) ressaltam o aproveitamento das paisagens semiáridas para a prática de campo e enfatizam que seu uso promove a conservação do patrimônio natural, pois propicia não apenas o conhecimento da vulnerabilidade desses ambientes, como também a instigar a adoção de medidas que reduzam a degradação ambiental.

Diante disso, percebe-se a relevância da aula de campo, visto que, além de propiciar a vivência dos conteúdos geográficos, favorece também a observação e análise do lugar vivido. Assim, entende-se que a realização dessa prática pode contribuir com a função social dos indivíduos, uma vez que busca sensibilizá-los da importância de conservar o patrimônio natural, tornando a Geografia mais significativa para a vida do estudante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da abordagem apresentada, entende-se a aula de campo como uma metodologia que proporciona ao estudante vivenciar na prática a teoria apresentada nos livros didáticos, em razão de propiciar o contato com o objeto estudado. A realização de aulas de campo contribui de forma exitosa para a aprendizagem dos conteúdos geográficos, uma vez que oportuniza aos estudantes vivenciarem, na prática, o que foi visto na teoria, além de favorecer melhor conhecimento do lugar vivido. Dessa forma, o Ensino de Geografia deixa de ser apenas uma disciplina curricular que precisa ser cumprida para tornar-se marcante na vida dos educandos, uma vez que os conhecimentos geográficos poderão ser aplicados no seu dia a dia.

Quanto as dificuldades existentes na realização das aulas de campo, é possível elencar vários fatores que interferem direta e indiretamente sua efetivação, como à falta de formação dos professores, a resistência dos pais, alunos e direção, incompatibilidade de horários, falta de recursos financeiros e carência de materiais que auxiliem o planejamento. Esses fatores podem ser minimizados por meio da realização de oficinas que auxiliem o docente sobre as novas metodologias de ensino; palestras com a comunidade escolar visando sensibilizá-los da importância dessa prática para o processo de ensino-aprendizagem; realização de projetos interdisciplinares que possam contemplar mais disciplinas e abranger maior carga horária, além da realização de aulas de campo nas proximidades da escola, evitando gastos com refeições e transportes.

Sabendo da relevância das práticas de campo e da escassez de materiais que assistam o docente no planejamento de aulas de campo, buscou-se, com essa proposta metodológica, demonstrar alguns parâmetros essenciais para a realização dessa prática. Com isso, espera-se contribuir com o trabalho docente no planejamento de aulas em ambientes naturais e, conseqüentemente, no desenvolvimento da Educação Geográfica.

Por fim, destaca-se o quão significativo a adoção de novas metodologias para o ensino de Geografia, e em particular, a aula de campo, uma vez que o uso desse instrumento didático apresenta resultados favoráveis para a aprendizagem. Além do mais, essa prática pode ser realizada desde as séries iniciais, o que contribuirá progressivamente para a compreensão do espaço geográfico.

## REFERÊNCIAS

BENTO, L. C. M.; ARAÚJO, M. S. **Geoturismo e geoconservação: uma prática de campo**. In: I Simpósio Mineiro de Geografia. Anais... Alfenas, 2014. p. 132-145. Disponível em: <http://www.unifal-mg.edu.br/simgeo/system/files/anexos/Lilian%20Carla%20M.%20Bento.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2016.

BONFIM, M. V. de S. Por uma pedagogia diferenciada: Uma reflexão acerca do turismo pedagógico como prática educativa. **Revista Turismo Visão e Ação** – Eletrônica, v. 12, nº 1. p. 114 – 129, jan/abr. 2010. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/viewFile/1127/1511>. Acesso em: 09 jun. 2016.

BRILHA, J.; DIAS, G.; PEREIRA, D. A Geoconservação e o Ensino/aprendizagem da Geologia. **Simpósio Ibérico do Ensino da Geologia**, XIV Simpósio sobre Enseñanza de La Geología, XXVI Curso de Actualización de Profesores de Geociencias. Universidade de Aveiro, Livro de Actas, 2006, p. 445-448. Disponível em: [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5368/1/brilha\\_dias\\_pereira\\_sieg.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5368/1/brilha_dias_pereira_sieg.pdf). Acesso em: 18 jun. 2016.

BUENO, M. A. A importância do estudo do meio na prática de ensino em geografia física. **B.goiano.geogr**, Goiânia, v. 29, n. 2, p. 185-198, jul./dez, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/GT/Downloads/9028-34563-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2016.

CAVALCANTI, L. C. de S. **Cartografia de Paisagens: fundamentos**. São Paulo: Oficina de Textos, 2014.

COMPIANI, M. A relevância das atividades de campo no ensino de Geologia na formação de professores de Ciências. **Cadernos IG/UNICAMP**, v. 1, n. 2, 1991. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/316583568\\_A\\_relevancia\\_das\\_atividades\\_de\\_campo\\_no\\_ensino\\_de\\_Geologia\\_na\\_formacao\\_de\\_professores\\_de\\_Ciencias](https://www.researchgate.net/publication/316583568_A_relevancia_das_atividades_de_campo_no_ensino_de_Geologia_na_formacao_de_professores_de_Ciencias). Acesso em: 01 jul. 2018.

COMPIANI, M.; CARNEIRO, C. D. R. Os papéis didáticos das excursões geológicas. **Enseñanza de las Ciencias de la Tierra**. 1993. Pág. 90-98. Disponível em: [file:///C:/Users/GT/Downloads/Ensenanza%20Compiani\\_Carneiro%20Papeis%20Didaticos%201993.pdf](file:///C:/Users/GT/Downloads/Ensenanza%20Compiani_Carneiro%20Papeis%20Didaticos%201993.pdf). Acesso em: 10 mar. 2016.

CORDEIRO, J. M. P.; OLIVEIRA, A. G. de. A aula de campo em geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola. **Revista Geografia** (Londrina), v. 20, n. 2, p. 099-114, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/7416/10649>. Acesso em: 10 jul. 2016.

CORRÊIA FILHO, J. J. **Aula de Campo: como planejar, conduzir e avaliar?** Petrópolis: Vozes, 2015.

- FEHLBERG, L. L. de O. **Aula de campo virtual na Lagoa Juara/Serra: o ensino da geografia a partir da alfabetização científica com enfoque CTS**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação em Ciências e Matemática). 2022. 109 f. Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.
- JESUS, M. C. S. de; SANTOS, M. F. A aula de campo no ensino da geografia: experiências cotidianas na cidade para construção de aprendizagens. **Revista Ensino de Geografia** (Recife) V. 2, No. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ensinodegeografia/article/view/241728/32681>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- LOPES, C. S.; PONTUSCHKA, N. N. Estudo do meio: teoria e prática. **Revista Geografia** (Londrina) v. 18, n. 2, p. 173-191, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/2360/3383>. Acesso em: 04 jul. 2016.
- MARQUES, A. M. de S.; MOTA, M. de S.; SOUZA, M. A. V. F. de. Aula de campo no ensino de geografia: uma visão pela literatura científica brasileira. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 20, p. 357-372, jul./dez., 2020. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/download/887/467>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- NEVES, K. F. T. V. **Os trabalhos de campo no ensino de geografia: reflexões sobre a prática docente na educação básica**. Ilhéus: Editus, 2010.
- ROCHA, M. A. **O trabalho de campo em periódicos da área de Ensino de Ciências: categorização e tipologia**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática). 2011. 122 f. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.
- SANTOS, G. B. dos; CASTRO, P. de T. A. Proposta de roteiro de campo para o ensino de geociências – trajeto entre os municípios de Ouro Preto e Mariana/MG– O patrimônio geológico local como ferramenta didática empreendedora. **Geonomos**, 21(2),111-117, 2013. Disponível em:<http://www.igc.ufmg.br/portaldeperiodicos/index.php/geonomos/article/view/279/250>. Acesso em: 15 mai. 2016.
- SCORTEGAGNA, A.; NEGRÃO, O. B. M. Trabalhos de campo na disciplina de Geologia Introdutória: a saída autônoma e seu papel didático. **TERRAE DIDACTICA** 1(1):36-43, 2005. Disponível em: [https://www.ige.unicamp.br/terraedidactica/v1/pdf-v1/p036-043\\_scortegagna.pdf](https://www.ige.unicamp.br/terraedidactica/v1/pdf-v1/p036-043_scortegagna.pdf). Acesso em: 04 jul. 2016.
- SENICIATO, T.; CAVASSAN, O. Aulas de campo em ambientes naturais e aprendizagem em Ciências – um estudo com alunos do ensino fundamental. **Ciência & Educação**, v. 10, n. 1, p. 133-147, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v10n1/10.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2016.
- SOUSA, M. E. **Práticas de campo em educação patrimonial: proposta para o povoado do Flamengo, Jaguarari-BA**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia Especialização). 2015. 47 f. Universidade de Pernambuco –UPE, Petrolina, 2015.
- SOUSA, M. E.; BARROS, R. G. de L.; CAVALCANTI, L. C. de S. Práticas de campo em Geografia: valorização do potencial pedagógico das paisagens semiáridas. In: II Encontro de Geografia do Vale do São Francisco. **Anais...** Petrolina, 2016. ISSN: 2358-2421.
- SOUSA, M. E. **Potencial pedagógico das paisagens naturais de Petrolina, Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em Educação). 2017. 149 f. Universidade de Pernambuco –UPE, Petrolina, 2017.
- THIESEN, J. da S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n39/10.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2016.